

Luciano Portela

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017

**TUDO  
QUE  
AFETA  
O  
MOVIMENTO**



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Milena Augusto Moreira dos Santos

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

P843T      PORTELA, LUCIANO. 1984-  
TUDO QUE AFETA O MOVIMENTO / LUCIANO PORTELA. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

124 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-159-3

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869,3

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## **Dário** | *Elucubrações de um Machão Sensível*

*Deixa eu pensar  
Que isso tudo é fantasia  
Que eu te tenho todo dia  
Que eu nunca te perdi  
Deixa eu te amar  
Hoje muito mais que antes  
Pelo menos um instante  
Quero ter você aqui*

**José Augusto**

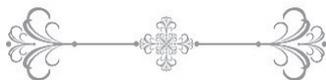
Sou um machão. Mas sou também sensível.

Embora isso soe esquisito, dada a contrariedade das duas palavras; talvez dois universos em choque. Não se preocupe, eu lhe asseguro que isso é possível. Minha vida talvez mostre bem o que é ser machão e sensível. A vida do machão sensível se baseia em domar suas vontades, medo, e, se possível, suas emoções. Uma vida regrada no universo sentimental, quando dá, é claro. Tudo começa na infância e



isso é um fato. Depois de alguns regurgitos mentais, vem à tona a dor diária de viver, criança na periferia, pé sujo, gritos, olhos pulando pra fora da cara. A ânsia de descoberta. O primeiro beijo de uma moça faz parte dos regurgitos bons, o toque de um lábio, o sentir da saliva que escorre sem se dar conta, não existe mau hálito, gosto de cigarro Marlboro ou gosto de frango a passarinho, tudo é válido quando se trata de experiência. A pureza ainda existe, mesmo que a revelia do universo familiar grotesco do qual não sou exceção – diga-se de passagem – e sim, sou o mais puro reflexo. O regurgito em estado modificado, o vaso do filme *Ghost* que deu certo. O primeiro beijo na irmã a gente nunca esquece. Os ensinamentos da vida também não.

Crescendo e sentindo as mudanças que correm feito cavalo árabe bombardeado de informação todos os dias – tropeçando nelas a perversidade familiar – violentando a realidade e sendo violentado por ela, simultaneamente. Sou o que sou, e talvez haja luz nisso. Sabe aquele momento em que você se senta na cadeira da sala que fica em frente à janela direto pra rua, naquele momento de *flashback* mental em que diz pra si – Porra, o que eu fiz da minha vida? – e, em meados desses *flashes*, você não obtém respostas, elas não aparecem, não fazem questão de aparecer, cutucam seu cérebro feito bambu ao vento; jogam com a tua imaginação, tiram uma com a tua cara e quem perde é sempre você. Em dado momento em que o amor pra você é no máximo a extensão da mãe para os lábios da irmã dormindo que você beija e sente tesão. Minha mãe, já



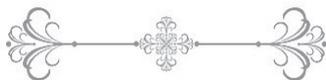
falecida, deixou uma gama de ensinamentos mesclados com humilhações banais e sistematicamente aplicadas. Mãe é um bicho louco! Pode anotar isso. Apanhei diversas vezes e com os mais diferentes objetos de tortura, a inquisição existia e eu posso me orgulhar dela, não devo nada a Giordano Bruno. Que Deus o tenha!

Posso dizer que as mulheres deram os contornos do que sou – ou tento ser, talvez – e que elas me modelaram agressivamente. Sou um Adão contrário, fui escarrado pela buceta materna e cheguei já causando problemas; foi por causa de mim que um pedaço da buceta dela virou um pedaço de carne morta, sem história pra contar. Vivendo de forma fugidia a luz do dia ou no azul da noite. Andanças, todas elas com algum destino – nem sempre traçado por mim – fizeram com que a vida me trouxesse escolhas nem sempre das mais agradáveis, nem sempre tive sorte, seja na educação, seja com as mulheres, seja com a minha própria família. A sorte seria no máximo ganhar uma geladeira no sorteio do mercadinho da esquina. Ser machão e ser sensível tem lá seus problemas, a sensibilidade em excesso, os desejos que chegam sem pedir licença. A vontade de se sujar perante Deus e suas leis. O lado machão se inspira nos canastrões da TV de tubo. Os desejos para ter o universo prático cabem também à busca pelas responsabilidades, o trabalho – seja ele visto como for – era uma das válvulas de escape para mim. Trabalhar era a melhor forma de buscar a si, uma pseudo-terapia. Quarenta horas diárias de atendimento ao público,



uma empresa gerenciada por religiosos ex-frades, um chefe que usava meias para varizes. Nessas horas, a existência pede arrego, o gole da cerveja quente após o dia de trabalho não tem o consolo suficiente, só não me sinto mais ultrajado que a puta da João Mendes que cobra sessenta reais por programa, usando uma blusinha vermelha e apertada que não consegue proteger a gordura da barriga. Minha vida na rua se tornou um mosaico de mau gosto, colecionava personagens mortos em plena vida. Um físico que andava de andrajos falando sobre ciência e religião ininterruptamente, a mulher andando mijada na rua, o rapaz que movia um processo contra a CPTM por ter chegado atrasado ao trabalho, o padre homossexual enrustido. Todos eles vinham em minha direção, todos eles existiam e adentravam a minha fuça sem charme e sem classe. Eu estava ali apenas para servi-los. Eu não gostava deles – mas deixando claro que isso não me impedia de servi-los – por mim, eu queria que eles morressem, de preferência de forma trágica, e sendo estampados como manchetes sangrentas dos jornais televisivos típicos que nós consumimos com gosto e vibração. Para que eu pudesse consumir seu fim junto de milhões de telespectadores, cidadãos de bem; consumi-los como o verme que atinge as vísceras sem remorso e muito menos piedade. Mas o anonimato tem dessas, tudo fica ali, guardadinho feito revista *Hustler*.

Viajar pra trabalhar é penoso, porém necessário e enobrecedor (falas da matrona morta); se eu pudesse acreditar nisso, eu juro que me sentiria o ser mais feliz do universo.



Mas não, o sentido disso escorre pelas minhas mãos como um ácido, é muito difícil de aceitar tamanha impotência para se opuser a um cadáver, mas é isso. Os corpos apodrecidos que constituem minha família são, acima de tudo, meus grãos-mestres, meu fluxo de consciência fajuto, a minha imagem deformada e semelhança. Os parcos ensinamentos reverberam em meio a esse quiproquó mental, vivo assim, sou assim. Isso só ameniza quando saio com outra mulher. Ou quando ligo pro 0900 da TV Gazeta e tento falar com as garotas em busca de alguma companhia na madrugada. No fundo, ninguém se importa com isso – tenho dúvidas até que ponto eu mesmo me importo – e, sabendo que nem sempre se pode falar, resta-me isso, esta sessão descarrego em horário nobre.

Quando conheci Mirela, eu era assim, e ela sabia bem disso; tanto que na medida do possível me entendia, ou fingia que entendia os meus devaneios. Mirela era uma mulher interessante, falava pouco, assentia na maioria das vezes. Nós nos conhecemos na praia. Foi amor à primeira vista, ela tinha braços mais fortes que os meus, eram lisos e torneados, e as pernas finas e tortas faziam parte do espetáculo, um *ballet* mecânico. Era evidente que havíamos nos dado muito bem, como se costuma dizer por aí, foi amor à primeira vista. Como todo casal, tínhamos uma rotina – esse deve ter sido o erro –, saíamos todas as noites para jantar ou ir ao cinema, e os finais de semana também eram ocupados com encontros amorosos. Mirela apreciava as



canções românticas, gostava de ouvir Sinatra. Eu preferia o Trio Los Angeles. Ela filmes românticos, eu os policiais do Charles Bronson, ela sonhou em ser atleta paraolímpica (isso após o acidente), eu disputava o primeiro lugar no curso de brigadista de incêndio. Vivíamos assim, alimentando nossas diferenças, como também trocando um com o outro, éramos um romance de deformação com pernas, as minhas se moviam enquanto as dela me esperavam todas as noites.

As primeiras pernas que me esperaram eram as da Margot, eu tinha 21 anos e ela perto dos 30, Margot devia ser um nome fictício; eu a encontrei pela primeira vez numa casa ali na Avenida São João, Margot custou quarenta reais e uma cerveja. Não passei a língua nela talvez por pura cabacice, ou medo mesmo. Não conhecia uma mulher assim, a não ser por revistas de banca de jornal ou pela garota do *Notícias Populares*. Ela parecia ser nordestina, ou caicara, ou uma cover da Perla. Margot me fez gozar rapidinho, gemia pouco e, em sua maioria, era puro fingimento, levou bombadas em uma única posição, pediu o dinheiro da cerveja e avisou que o pagamento era com o segurança de um metro e noventa estacionado ao lado da cortina vinho. Sensação boa e esquisita ao mesmo tempo, não sabia muito o que pensar. A não ser que Margot não fosse o nome dela. Minha mãe errou nisso, o contato com a vida não se faz através dos valores, e, sim, do sexo. Depois de ter comido a Margot, eu saí mais vivo, feliz e ciente



de que aquilo era só o começo. O começo de um vício, o vício por bucetas, de todos os tipos, tamanhos, cores e formatos. Se pudesse, voltaria no tempo, e, em todos os momentos, ia imortalizar cada uma de pernas abertas, faria disso uma exposição de arte, estamparia vulvas e lábios, escreveria ensaios estéticos, teorizaria cada linha desigual padronizando e esboçando teorias fraturadas, quebrando as anteriores e brigando com as gerações mais antigas. Seria o Deus de mim mesmo. Mesmo que Margot, minha mãe, minha irmã e Mirela pouco se importassem. Margot me prometeu um programa mais tarde caso eu não fosse embora. Era tarde demais. Desde então, eu nunca mais a vi, mas posso dizer que ela foi responsável por mim, mais que a minha mãe, mais que minha irmã, que só me beijou uma vez, dizia que era nojento. O problema disso tudo é que o tesão só foi encontrado na frustração e no fracasso do ser, aprendi isso com o tempo, não importa o que aconteça, existe muito tesão nas sarjetas da vida. Cada esquina pode ser povoada por uma saia curta ou uma calcinha de algodão com ar claramente infantil, cada casa de bairro esconde segredos dos mais desejosos, cada varal, cada boleia de caminhão e assim por diante. Em família também se transa, alimenta-se educacionalmente passo a passo até a vida adulta. As putas, o 0900, o *disk* amizade são só mais um arremedo do que se aprende no seio familiar. Cada família devia ser responsável claramente na expansão dos nossos desejos ora vistos como mórbidos,



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)



[ian\\_curtis\\_84@hotmail.com](mailto:ian_curtis_84@hotmail.com)



[/luciano.portela.35](https://www.facebook.com/luciano.portela.35)